
RESENHA KIM JI YOUNG, NASCIDA EM 1982

Ana Laura Varoni¹

O livro *Kim Ji-young, nascida em 1982*, de Cho Nam-Joo, publicado em 2016, retrata as experiências de uma mulher sul coreana vivendo em uma sociedade patriarcal, a partir da perspectiva de seu psiquiatra, um homem. Inspirado na vivência da autora, que abandonou seu trabalho para ficar em casa depois de dar a luz, a obra retrata diferentes faces da violência de gênero presentes na vida cotidiana das mulheres sul coreanas da época, e vai além de um retrato histórico ou cultural, apresentando-se como um lembrete do que é ser mulher no patriarcado.

Kim Ji-young, o nome da protagonista, era comum entre as meninas da geração dos anos 80 na Coreia². Essa escolha pode ser vista como uma tentativa da autora de transformar a história em uma narrativa que representa quase todas as mulheres, gerando identificação entre elas. No entanto, a identificação vai além do nome; as situações descritas no livro são as mais comuns e aterrorizantes para se viver como mulher: discriminação e assédio no trabalho, dupla jornada sem reconhecimento e desigualdade de gênero em múltiplas faces.

A obra se destaca por incluir interseccionalidade entre gênero e classe. Cho Nam-Joo mostra como as questões socioeconômicas afetam as mulheres de maneira diferente dos homens. O pai de Kim era funcionário público e a mãe dona de casa, vivendo em uma casa de 35 m², compartilhada com a avó e os irmãos. Nesse contexto, as dificuldades de Kim aumentavam, a exemplo de gastos com educação priorizados para o irmão. A obra também ganha relevância ao usar referências reais, como dados estatísticos, para ilustrar as desigualdades enfrentadas pela personagem, como o desemprego e os trabalhos precários.

Também é muito explícito no livro a divisão entre a vida pública e a privada, ambas bem exploradas. No âmbito público, Kim e as mulheres ao seu redor enfrentam enormes dificuldades, como a busca e manutenção de um emprego, a conclusão de seus estudos e até mesmo a simples tarefa de caminhar pelas ruas sem medo de assédio. Na vida privada, as desigualdades não são menos cruéis: a discriminação com as mulheres está presente desde a

¹ Graduanda em Relações Internacionais na UNESP Franca. Integrante do IARAS. Pesquisadora PIBIC CNPq. E-mail para contato: ana.varoni@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3314470445499126>.

² De acordo com: BABYNAME. *Kim Ji-young*. Disponível em: https://web.archive.org/web/20131020201918/http://www.babynome.co.kr/menu01_09.php?cate1=14&name=. Acesso em: 30 nov. 2024.

gestação. Por exemplo, as mães se desculparam ao saberem que esperam uma menina, os filhos homens têm prioridade na alimentação, educação e em oportunidades, e a responsabilidade pelo lar recai inteiramente sobre as mulheres.

Essa opressão, tanto no âmbito público quanto no privado, é sustentada por valores culturais que estão enraizados na sociedade coreana. A protagonista vive sua vida parcialmente consciente de que há injustiças sendo cometidas contra ela e suas semelhantes o tempo todo, mas por entender certas relações sociais e obrigações femininas como naturais, não consegue reconhecer na totalidade o que está errado. Essa sensação faz com que ela, aos poucos, perca suas perspectivas de futuro e o desejo de buscar realizações pessoais.

Além disso, o Estado também desempenha um papel crucial na perpetuação do machismo. O livro menciona o momento de implantação do planejamento familiar na Coreia, e relata que abortar meninas era comum, como se elas representassem um problema de saúde pública. Essa posição do Estado reforçava a ideia de posse do corpo feminino por instituições, empresas e agências de saúde. A frase “O mundo quer que nosso útero fique livre de drogas. Como o terreno sagrado de uma floresta virgem”³, dita no livro por uma personagem, reflete a estigmatização da feminilidade, especialmente da pureza, e o esforço do Estado para exercer controle sobre o corpo.

A resistência contra a opressão de gênero na obra é apresentada de forma silenciosa. A repulsa pelo assédio e outros tipos de agressões é reprimida, e as mulheres não falam abertamente sobre suas angústias, mas compartilham suas dores em silêncio, por meio de gestos e olhares. Essa dinâmica transforma a feminilidade em uma espécie de “inferno coletivo”, para todas que fazem parte desse grupo, e o máximo de apoio que recebem vem delas mesmas, ainda que de forma sutil.

Diferentemente, na atualidade, a história de Kim inspira movimentos coletivos e políticos de resistência. Em 2016, ano em que o livro foi publicado, a presidente da Coreia era Park Geun-Hye, cujo mandato foi marcado por um aumento da desigualdade de gênero e de crimes sexuais. No mesmo ano, Park sofreu impeachment por corrupção e uma mulher foi assassinada em Seoul por um homem que se sentia “ignorado” pelas mulheres. Esses eventos levaram a uma série de protestos que culminaram no #MeToo Movement coreano, contra o

³ CHO, Nam-Joo. *Kim Ji-young, nascida em 1982*. Tradução de Eunice Sposito. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

assédio e agressão sexual. Nesse contexto, a obra funcionou como catalisador de uma nova onda feminista na Coreia por capturar um sexismo cotidiano e institucionalizado.

Na esfera política, o deputado Keum Tae-Sub presenteou 300 membros da Assembleia Nacional com o livro no Dia da Mulher em 2017, chamando atenção para a qualidade de vida das mulheres na Coreia. Além disso, em 2023, a deputada Kim Su-min apelidou sua emenda à lei de igualdade de gênero como “Lei Kim-jiyoung”.⁴

Dessa forma, é visível o impacto do livro no discurso político coreano e como a obra transcende o espaço-tempo que representa. O livro provoca a reflexão sobre os papéis de gênero que todas e todos perpetuam, mesmo dentro de suas próprias casas. Além disso, tem intrínseca relação com a vida cotidiana de todas as mulheres, principalmente as sul coreanas, atravessando o limite entre ficção e realidade e se posicionando como uma ferramenta valiosa para os estudos de gênero.

⁴ KOREA TIMES. *How feminist book 'Kim Ji-young' became million-seller*. Disponível em: https://www.koreatimes.co.kr/www/culture/2024/11/135_259692.html. Acesso em: 30 nov. 2024.